

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE

Retalhos do meu Brasil

TÉCNICA - LP CORAÇÃO DE SERTANEJO - ZÉ GONZAGA - LADO 1 - FAIXA 1

LOCUTOR - Nosso programa hoje, falará sobre o Virgulino Ferreira/
mais conhecido como Lampião.

TÉCNICA -

LOCUTOR - O célebre Rei do Cangaco, nasceu em Vila Bela, Fernambu
co, a 12 de fevereiro de 1900 e morreu na Fazenda Angi-
cos, Porto da Fôlha, Sergipe, a 28 de julho de 1938. /
Diz a tradição que sendo vítima de grande injustiça re-
solveu fazê-la com as próprias mãos para vingar a morte
do pai.

CANTADOR

ou - "Por que no ano de vinte
recitar Seu pai fôra assassinado
Na Rua da Mata Grande
duas léguas arredada...
Sendo a fôrça da Polícia
autora dêste atentado!"..

"Lampeão dêste êste dia
Jurou vingar-se também
Dizendo: foi inimigo,
mate, não pergunto a quem...
Só respeito nêste mundo
Padre Ciço e mais ninguém!"

LOCUTOR - E Lampeão começou a agir. E a gente que saia do seu ri-
fle foi ficando famosa. Seu nome passou a ser conhecido
em todo o Brasil. Chefias de polícia de diversos Estados
reuniam-se para traçar os planos e pegar Virgulino.

CANTADOR

ou - "Agora que os governos
recitado de cinco estados do norte
já escreveram a sentença
que decide a minha sorte,
com tanta perseguição,
se eu não tomar precaução
entro na foice da norte".

LOCUTOR - Os macacos - era assim que êles chamavam os soldados -
começaram a perseguí-lo. Ficaram famosos diversas lutas
entre a polícia e o bando de cangaceiros. Êstes enfren-
tavam os soldados com um desassombro incrível. Assim se
expressou um poeta popular, resumindo tudo o que poderí
amos dizer a respeito do assunto:

cantador
ou - "O cangaceiro valente
recitado
Nunca se rende a soldado
Melhor é morrer de bala
Com o corpo cravejado,
Do que render-se à prisão
Para descer o sertão
Prêso e desmoralizado".

LOCUTOR - Uma coisa interessante é que aquêles que matava e roubava, acabava com as famílias sertanejas, agora, nos romanceiros/populares parece como herói e santo. Veríssimo de Melo em seu livro: "O ataque de Lampeão a Moçoró através do Romanceiro popular"; cita o que disse o mestre Zabelê lamentando a morte de Virgulino:

CANTADOR
ou - "A viola tá chorando,
recitado
Tá chorando com razão,
Tão de luto os cangaceiros,
Tá de luto o meu sertão.
A viola tá chorando
Tá chorando com razão".

"A viola tá chorando
Tá chorando com razão.
Solucando de sôdade
Gemendo de compaixão
Degelaram Virgulino
Acabou-se Lampeão".

TÉCNICA - MÚSICA COMPLETA

LOCUTOR - Em Maceió, Lampeão chegou a ser comparado com Moisés. Vejamos o que diz uma quadrinha:

CANTADOR
ou - "O rio de São Francisco
recitado
Em seu nas fundo lugá
Se abre em tôda largura.
Para Lampeão passá".

TÉCNICA -

LOCUTOR - Contam que estava o Sr. Francisco Xavier em seu sítio Poço, Brejo dos Santos, quando apareceu ali numeroso grupo de bandidos. Como era de se esperar teve que hospedar todos os bandidos. Lá para as tantas entabeleu-se uma convergação entre Lampeão e o dono da casa. Lampeão fez sua apresentação nêstes termos:

SPEAKER 1- Eu sou o Coronel Lampeão, o homem mais valente do Brasil.

LOCUTOR - Depois começou a apresentar um por um seus cabras de confiança.

SPEAKER 2- Coronel, o que é que o senhor anda fazendo por aqui?

SPEAKER 1- Ando recrutando para a guerra. Por ora somos 52 homens. 32 que você está vendo e mais 20 que mandei comprar

SPEAKER 1- Viri ao Ceará somente recrutar gente para a guerra. Pretendem agora no Fajeú completar uma força de 200 homens para atacar uma cidade importante Pernambucana e isto é para aumentar a força para mil homens.

SPEAKER 2- E o coronel não tem medo do Exército Federal?

LOCUTOR - Lampeão riu irônicamente e disse:

SPEAKER 1- Não tenho medo de macaco. Sou Lampeão o homem mais valente do Brasil. Podem arrumar quantos quizerem o meu passo / todos na bala.

TÉCNICA - MÚSICA FORTE

LOCUTOR - Dizem que Lampeão assinou um acordo com a morte. Eis em / versos do poeta Amador Santelmo a respeito do assunto:

CANTADOR

ou
recitado

"Boa noite Dona Morte!

- Que quer você Lampeão?

- Conversar com a senhora

Aqui nesta escuridão". (diálogo voz cavernosa).

Primeiro vou eu na frente
Não convém andarmos juntos,
Ando um pouco atrapalhada,
com a falta de defuntos.

E' uma calamidade
Que não posso descrever
Não há peste, nem há guerra,
Como eu hei de assim viver?

Mas em toda esta desgraça
Há um caso mais notório:
E' dever muito ao inferno
E mais ainda ao purgatório.

Assinei a Belsebú
Vinte letras de mil vidas;
Dez estão para vencer-se
Mas dez já estão vencidas!

Nas letras que eu assinei
Há um parágrafo crítico:
O Diabo não aceita
Em paga morte político.

Perguntei qual o motivo
Respondou-me Lucifer;
- Política é tão mal
Que nem o Diabo quer.

Se Lampeão não me salva
Minha situação piora;
Tenho certeza que o demô
Ven me fazer a penhora.

Você é meu aliado
Podê-me salvar! Senão
Pra me descompenhar
Tenho que dar Lanpeão.
Dona Morte, triste e calma
Isso disse a Lanpeão,
Que estremeceu de repente
Ouvindo aquêlo senão.
Chegou-se mais para a morte,
Dizendo por não peca
Juro neste cemitério
Resgatar sua hipoteca.
Mande chamar seus coveiros
Trabalhar sua coruja
Quem for valente no mundo
Se for valentão não me fuja!
Vou exercer com perícia
O meu ofício funérto;
Prometo matar a fome
Ao seu grande cemitério.
Vamos firmar um contrato
Para que nenhum se zangue,
E bebamos a saúde
Duas caveiras de sangue.
Minha firma de bandido
Só pode ser conferida
No tabelião do inferno
Onde está reconhecida.
A esta pilha do diabo
Que no contrato se espalma,
E' um sêlo tenebroso
Feito de farrapos de alma.
Assim falou Lanpeão,
Levantando-se mais forte,
Com aquêlo documento
Estava salvo da morte.
Porém tinha que cumprir
O seu contrato funéreo;
Tinha que dar de comer
Defuntos ao cemitério.

A norte se despediu
Abraçando Lampeão,
que montou no seu cavalo
Partindo pelo sertão.

TÉCNICA -

LOCUTOR - Depois dêste acôrdo feito entre Lampeão e a morte, o poe-
nos apresenta as "Confissões de Lampeão". Vamos ouvi-la:

CANTADOR

ou - "Sou Lampeão tenebroso,
recitado Cangaceiro audaz e forte
E luto para cumprir
Meu contrato com a morte".

Meu cavalo de batalha
Meu companheiro de guerra
Ajuda-me a derrubar
Os tiranos desta terra.

No seu peito de cavalo
Valente como um guerreiro;
Corre o sangue vivo, ardente,
Que corre num cangaceiro.

Se morrermos em combate
Vou erguer-te um Mausoléu
Dou-te uma estátua tão alta
Que serás visto do céu.

Sou Lampeão luminoso
Coronel moço e viril
Como Lampeão alumino
Os escuros do Brasil.

A fôrça do meu destino
Ninguém a pode quebrar;
Seu protegido da morte
Ninguém pode me matar!

Como Lampeão valente
Não há outro mais febril,
Sou um astro do sertão
Alumiando o Brasil".

LOCUTOR - Mas, apesar do pacto com a morte, que todo mundo sabe //
ser de invenção, Lampeão morreu. E depois de sua morte //
dizem que Corisco, seu homem de confiança, preparou-se //
parra assumir o reinado do cangaço. Não conseguiu e pare-
ce-me que realmente, os cangaceiros acabaram-se com os
últimos suspiros de Lampeão.

NARRADOR- De outro, era fama que quanto mais chão pela frente, mais veloz era ôle. E que desde a saída ôle ia disparar como uma flecha. E quando os parceiros apareceram, começaram as apostas:

V O Z - Pelo baio! Luz e Doble!

V O Z - Pelo mouro! Dobre a luz!

TÉCNICA - TROTE DE CAVALOS.

NARRADOR- E os corredores fizeram as suas partidas. E o povo grita

P O V O - EMPATE - EMPATE - EMPATE.

NARRADOR- E o negrinho em cima do baio dizia:

NEGRINHO- Valha-me a Virgem Madrinha Nossa Senhora! Se o sete léguas perde, meu senhor me mata. HIP! HIP! HIP!

NARRADORA Quando foi última quadra, o mouro e o baio velozes, seguros, ainda estavam emparelhados sempre juntos, sempre emparelhados.

TÉCNICA - TROTE DE CAVALOS

NARRADOR- E a duas braças da rua, quase em cima do lago, o baio acrescentou de repente, põe-se de pé e fez uma volta, dando// ao mouro tempo para ôle passar na frente. E o mouro atravessou a marca final. Ganhou a corrida.

TÉCNICA - TRANSIÇÃO

NARRADOR- A gauchada estava dividida no julgamento da correrie. // Mas o juiz, que era um velho que já tinha visto muitas / carroiras gritou:

J U I Z - Foi na lei! a carreira é de parada mortal; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro. Quem perdeu que pague eu perdi dois mil cruzeiros, quem ganhou venha buscá-los. / Foi na lei!

NARRADOR- E houve muita algéria porque o dono do cavalo mouro era/ amigo de todo o mundo, e fez uma grande festa. O ano/ do negrinho é que roia de raiva. Retirou-se para sua casa pensando, calado, em todo o caminho. A cara dele vinha lisa mas o coração vinha raivoso como um touro laçado! E quando apeou-se mandou amarrar o negrinho pelos pulsos e dar-lhe, uma surra de chicote.

TÉCNICA - TRANSIÇÃO

NARRADOR- Na madrugada o patrão saiu com ôle e quando chegou no // meio do campo disse assim:

PATRÃO - Trinta quadras é o tamanho do lugar onde perdeste a corrida; trinta dias passarás pastoreando aqui os meus cavalos.

TÉCNICA - TRANSIÇÃO

NARRADOR- O negrinho começou a chorar enquanto os cavalos iam pastando veio o sol, veio o vento, veio a chuva e veio a / noite.

TÉCNICA - CARACTERÍSTICA

LOCUTOR - Bom, irmãos dos gaúchos. Falamos muito. Vamos agora falar em alguma coisa de bem diferente. Venha ouvinte, ouça:

TÉCNICA - NEGRINHO DO PASTOREIO - TRIO IRAKITAN

LOCUTOR - Vamos viajar. Andar muito. Montados no vento da imaginação do povo. Vamos para longe, vamos para o Rio Grande do Sul. Vamos ouvir a lenda do Negrinho do Pastoreio.

TÉCNICA - NEGRINHO DO PASTOREIO - TRIO IRAKITAN

LOCUTOR - Esta lenda gaúcha, é encontrada no livro do professor / Luiz da Câmara Cascudo chamado "Antologia do Folclore Brasileiro". Neste livro o professor para ajudar àquê- / les que estudam as coisas do povo, colecionou escritas / de outras pessoas. Este Negrinho do Pastoreio foi copia / do da boca do povo por Simões Lopes Neto e publicado em 1913. Vamos ouvi-la:

TÉCNICA - NEGRINHO DO PASTOREIO - TRIO IRAKITAN

LOCUTOR - Naquê tempo os campos ainda eram abertos, não havia / entre êles nem divisas, nem cêrcas. Naquê tempo os / campos não tinham cêrcas.

TÉCNICA -

NARRADOR- Era uma vez um dono de terra muito rico e muito sovina. Não dava pousada a ninguém, nem emprestava seu cavalo a nenhuma pessoa; no inverno o fogo de sua casa não fazia / brasas; gente podia morrer de frio que sua porta não se abria; no verão, a sombra dos seus umbuzeiros só abriga / va os cachorros e ninguém de fora bebia água em suas ca / cinbas. Sômente para três coisas no mundo prestava aten / ção: seu filho, menino magro, um cavalo bom, parselheiro de confiança e um escravo muito pequenino ainda menino / bonitinho e preto como carvão. A Este negrinho não deram padrinho algum, por isso o negrinho se dizia afilhado da Virgem Maria, Nossa Senhora que é madrinha de todos que / não têm madrinha. O pobre negrinho trabalhava tôda manhã e a tarde sofria os maltratos do menino que o jüdiava e mangava da jüdição que fazia.

TÉCNICA -

NARRADOR- Um dia, depois de muita insistência, o amo combinou uma / carteira com o seu vizinho. No dia da disputa tinha gente na lugar da corrida como festa de Santo Grande. Entre os dois cavalos a gauchada não sabia se decidir, tão perfeito e bom lançado era cada um dos animais. Do baio era fama que quando corria, corria tanto que o vento assovia / va nas clinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não se via as patas baterem no chão.

8

NARRADOR- Pobrezinho quase morto de cansado, com fome e já sem fôrças nas mãos ~~estou~~ o cabresto num pulso e deitou-se em cima de um monte de capim. Vieram então as corujas, e fizeram roda, voando paradas no ar, sem fazer barulho nas asas. E o negrinho tremia de medo. De repente pensou em sua madrinha e dormiu. E os guaraxains ladrões famejaram o negrinho e cortaram as cordas do cabresto. Os galos cantaram e não se envergava nada. Era grande a cerração, forte demais e nevoeiro. E o baio sentindo-se solto fugiu, e tóda a tropa com êle.

TÉCNICA -

NARRADOR- O menino mau, que era filho do amo, quando viu que os cavalos tinham desaparecido, foi correndo avisar ao pai. E o pobre negrinho levou outra surra do velho. Depois, mandaram que êle fôsse procurar todos os cavalos. Chorando, gemendo, o negrinho foi ao oratório de sua madrinha, Nossa Senhora. Rezou, apanhou o côto de velaque estava acesa em frente da imagem e partiu para o campo.

TÉCNICA -

NARRADOR- Ia caminhando e de cada pingo que caia da vela benta, uma nova luz começava a brilhar no chão, começando a clarear tudo. Finalmente os cavalos foram encontrados. O negrinho os levou ao sítio onde seu senhor havia indicado para ficarem. Terminado o trabalho, o menino deitou-se e dormiu sonhando com Nossa Senhora. Nada incomodou seu sono. Mas, pela manhazinha veio o filho do amo e espantou os cavalos. Depois, foi dizer ao pai que os cavalos lá não estavam. E assim, novamente o negrinho perdeu o pastoreio. E novamente levou uma surra de chicote. Apanhou até não mais se bulir, até ficar com a carne tóda recortada e escorrendo sangue quente de seu corpo. O negrinho chorou pela Virgem, sua madrinha Nossa Senhora, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música, e pareceu que morria.

TÉCNICA - MÚSICA TRISTE

NARRADOR- E como já era de noite e para não ter trabalho de fazer cova, o amo mandou que jogassem o negrinho na panela de um formigueiro.

TÉCNICA - MÚSICA TRISTE

NARRADOR- Nesta noite o amo sonhou que êle era mesmo mil vózes, // que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil dinheiros de ouro e que tudo isto cabia dentro de um formigueiro pequeno. Caiu o sereno silencioso e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas. E veio a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto. E três dias houve de cerração forte, e três dias o amo teve a // mesmo sonho.

9

NARRADOR- Então o ano decodiuver o que aconteceu com o negrinho
E qual não foi a surpresa ao ver que o negrinho estava
bem vivo em pé dentro do formigueiro. E fazendo gu-
rda ao negrinho , o ano viu a madrinha dos que não a
tem . Viu a virgen nos a Senhora, tão serena pousada na
terra , nas mostrando mostrando que estava no céu./
Quando tal viu o senhor caiu de joelhos diante do escrev
va . E o negrinho rindo caiu no baio chupou o beijo e sa
iu galopando pelo campo afora levando a tropa de cavalos.

TECNICA- Transição

NARRADOR- E daí por diante cada cristão que perdia alguma coisa o
negrinho a encontrava, mas só entregava acendesse uma ve
la cuja luz ele levava para acender no altar de sua ma-
drinha a Virgem Nossa Senhora que o Salvou.

TECNICA-

NARRADOR -E o negrinho sarado e risonho cruza os campos corta/
as caatingas , vara os rios, sobe os morros. E ele(nunca)
anda sempre á procura dos objetos perdidos E ele botá os
os objetos de jeito a serem achados pelso seus donos
quando estes acendem um coto de vela.

Assim quem perde qualquer objeto guarde esperança. Junto
de alguma porteira , debaixo das arvores, acenda /
uma vela para o negrinho do pastoreio e vá lhe di-
zendo :

-
Foi por aí que eu perdi .. foi por aí que eu perdi
Foi por aí que eu perdi... Se ele não achar ninguem em mai.:

TECNICA-

LOCUTOR- Eis aí a lenda do negrinho do pastoreio . Vão do RRio /
grande do Sul. É bonita também ; A imaginação do povo é
bonita em qualquer lugar . E o povo mesmo é o povo que é
bonito assim como a lenda do negrinho do pastoreio.

TECNICA-

LOCUTOR- Negrinho do pastoreio música completa Trio Lakitan.

LOCUTOR até amanhã monitores , alunos povo do meio rural, A. e amanhã
ouvintes , Voltem todos Voltem para juntos vivermos
RETAANHOS DO MEU BRASIL.

TECNICA-

Retalhos do meu Brasil

TÉCNICA - LP CORAÇÃO DO SERTANEJO - LADO 2 - FAIXA 5

LOCUTOR - Hoje falaremos sobre o mais sério cantador, o mais famoso dos poetas populares de todo o Nordeste: Inácio da Catingueira. mestiço, analfabeto e escravo. Cantador de fôlego duplo pertence hoje a turna dos heróis do sertão. / Seus versos de tão repetidos e citados tornaram-se herança do povo. Em torno dele forma-se lenda. E' constantemente invocado pelos cantadores novos. Inácio da Catingueira, mestiço, analfabeto e escravo. Nem tudo o que hoje se diz sobre Inácio, é verdade, e nem se sabe muita coisa a respeito de sua vida. Veríssimo de Melo, em seu livro "Cantadores de Viola" que muito nos tem ajudado a fazer estes programas, traz as seguintes informações.

TÉCNICA -

LOCUTOR - Inácio era filho de uma negra escrava e de um branco. Teria nascido em 1845, na povoação da Catingueira, perto de Teixeira, ribeira de Fiancó, na Paraíba e morrido muito novo, mais ou menos 52 ou 53 anos. Luiz da Câmara Cascudo, outro homem estudioso das coisas do povo, afirma que Inácio nasceu no dia de Santo Inácio de Loyola, a 31 de janeiro não diz o ano, e teria morrido em fins de 1879. O Padre Manoel Otaviano diz que foi escravo de Francisco Fidié que o herdou de seu sógro por nome de Manoel Luiz. No inventário do sogro, Inácio valia cerca de um conto e duzentos mil réis. Proço que Leonardo Mota em seu livro "Violeiros do Norte", afirma ser de três vezes mais do que qualquer escravo comum.

TÉCNICA -

LOCUTOR - O Padre Otaviano traça assim a figura de Inácio: "Era de côr escura, pele fina, cabelos corridos, conservando um pequeno cavanhaque preto como o cabelo, e um bigodinho a canado". Luiz da Câmara Cascudo diz que ouviu cantar no Recife, João Catingueira, filho do famoso cantador que lhe disse ser seu pai: "alto, sôco, espegado, e tinha voz extremamente aguda".

TÉCNICA -

LOCUTOR - Corro muitas histórias a respeito de Inácio. Uma diz que seu senhor estava falido. Precisando pagar uma dívida, não tinha dinheiro e deu liberdade por uns tempos a Inácio para que ôle viaçasse até Pernambuco em cantorias. / Meses depois o escravo trouxe a quantia que o patrão precisava e recebeu como prêmio sua alforria, sua libertação.

TÉCNICA -

LOCUTOR -- O episódio mais discutido da vida de Inácio foi o encontro que teve em Patos, na Paraíba, com o célebre Romano. / Algumas pessoas dizem que isto não aconteceu. Outras dizem que foram testemunhas de vista do fato. Mas, quem era este Romano? Vamos ouvir o que ele mesmo diz.

CANTADOR- "Sou Romano de Mãe-d'Água,
Mato como prova soturna;
Para vencer inleição
Não Mato chapa na urna.
Salto na ponta da pedra
E tomo a bôca da furna".

LOCUTOR - Modestamente seria Francisco Romano Caluête, gente que viveu no lugar "Mãe-d'Água". Leonardo Mota nos diz que morreu repentinamente a 1ª de março de 1891, com cerca de 50 anos de idade. Um grande amigo seu, o cantador Silvino Pirauá, escreveu sobre a morte de seu grande amigo e mestre:

CANTADOR- "Mas era 91,
No centro paraibano,
Dentro do têrmo de Patos,
Em março do dito ano
no primeiro dêsse mês
Morreu Francisco Romano".

Foi num dia de domingo
êste caso aontecido...
Nêsse dia às quatro horas,
Foi Jesus Cristo servido:
Duma morte violenta
Romano foi falocido.

De bruço caiu em terra
Com a tal faca na mão,
A outra não sobre o peito,
Em riba do coração,
A faca do outro lado,
Ben junto dêle, no chão.

Em casa o chôro foi tanto
Que fôz um grande alarido,
A mulher correu pra roça,
À procura do marido,
Não morreu de sofrimento
Porque Deus não foi scrivod

Eu senti a morte dêle,
Que ninguém não esperava!
Quando me veio a notícia
Que Romano morto estava,
Logo me veio a lembrança
O tempo que nós cantava.

Conheço, desde êsse dia,
Cantador entusiasmado...
Todo mundo quer cantar,
Cada qual dá seu recado
Porque que se respeitava
Já, está em cinzas tornado".

LOCUTOR - Êste foi o Romano que pelejou com Inácio da Catingueira durante, segundo diz o povo, oito dias seguidos. Vamos/ ouvir algumas partes dessa peleja:

CANTADOR

1º- "Êste aqui é o Romano,
dentaria de elefante,
Barbatana de baleia,
Fôrça de trinta gigantes,
E' ouro que não mareia,
Pedra fina e dianante!"

CANTADOR

2º- "Inácio da Catingueira
E' nêgo desengonçado:
Abre cacimba no sêco,
Dá em baixo no muiado...
Aperta sem ser troquez,
Corta sem ser machado".

LOCUTOR - Logo na apresentação vemos que estamos diante de dois / grandes que pelejam na base de matar ou morrer. Vamos / para adiante:

CANTADOR

1º- "Inácio me faz favor
Me diga lá nun repente,
Qual ó a dô que mais doi,
Que mais atormenta a gente".

CANTADOR

2º- "Eu penso que o panadisso
E' dozinha impertinente;
Mas porém tem muitas outras
Que eu lhe digo de repente:
Ferroada de lacrau
Faz o pé ficar dormente;
Tem outra dô condenada,
que é pi

CANTADOR 1º - "Inácio, tu tens cabeça
Porém juízo não tem:
Um gigante nos meus braços
Aperto, não é ninguém!
Aperto um dobrão nos dedos,
Faço virar um vintém!"

CANTADOR 2º - "Tem coisa que dá vontade
Meter-me na vida alheia:
Quem mata assim tanta gente
Inda não foi prá cadeia!
Pegá um gigante a mão
E não ficá c'ra não cheia!
Rebentar dobrão nos dedos
E não quebrar uma veia:
Êsse dobrão é de cêra,
Êsse gigante é de areia".

LOCUTOR - Como notamos, é raro se ter um senso das coisas tão/ apurado para dar uma resposta num repente, tal como/ Inácio deu. Demonstra que êsse prôto era um gênio. / Gênio que ainda hoje é citado com respeito pelos can/ tadores mais novos. No início do desafio Romano quis/ explorar o fato de ser Inácio de pele escura e escravo. No entanto, Inácio tinha cabelo melhor que o de/ Romano. Mas.. vamos ver o que aconteceu.

CANTADOR 1º - "Negro, que andas fazendo
Aqui nesta freguesia?
Cadê teu passaporte,
A tua carta de guia?
Se andas fugido eu te amarro,
Nêgo comigo não pia".

CANTADOR 2º - "Seu Romano a fazê isso,
Tem de fazer um moitin,
Derrubo o senhor no chão
Me assento no seu cupim
Eu vou mostrar ao sinhô
Quem tem cabelo ruim".

LOCUTOR - Vocês que ouviram com tôda certeza podem julgar muito bem quem levou a melhor. Mas, Romano não se arrependeu e quiz continuar a explorar o fato de Inácio ser o que era.

CANTADOR 1º - "Prá nêgo tenho chicote
E palnatória e trabuco.
Boto-o na mesa do carro
Passo por cima e machuco,
Vadoêo de lá prá cá:
Traco-traco; truco-truco!"

CANTADOR 2º - "Seu Romano, meu facão
também trabalha em seu quengo;
Desmastrocio-te a carreira
Como um cavalo de rengo,
E vou de uma banda prá outra
- Traco-traco! Tengo-tengo!"

LOCUTOR - E' assim amigos, tivemos o prazer de ouvir alguns ver-
sos saídos na maior peleja já travada no sertão. Pe-
leja de gênios, de homens fabulosos, peleja entre I-
nácio da Catingueira, o maior cantador de todos os /
tempos, e Romano da Mãe-d'água também grande e valen-
te. Amanhã teremos mais. Continuaremos nossos progra-
mas sôbre nossos amigos e queridos violeiros.

TÉCNICA -

LOCUTOR - E o cajú? Fruta boa que enche a boca da gente de água.
Basta a gente pensar, cajú doce da beira da pra'...
Cajueiro carregado vendo a maré. Cajueiro sofrendo já
muitas vêzes no sertão, cajueiro bom. Do povo E' o
vo gosta da árvore do cajú, e tem sempre bem dentro/
do coração a imagem da frutinha madurinha. Já os ín-
dios gostavam do cajú. Êstes usavam para diversas coi-
sas aquéla gostosura de fruta. Até a castanha é gost-
tosa. Será que mais do que o cajú? E a castanha ser-
via para os índios fazerem coisas bastante interesan-
tes. O poeta pernambucano Mauro Mota, escreveu um li-
vro "O cajueiro Nordestino". Nêste livro o grande
pernambucano conta que os índios pegavam as casta- /
nhas para marcar os anos que tinham de vida. O fato/
era assim: se Jurema tivesse vinte anos de vida, Ju-
rema teria vinte castanhas de cajú guardadas em casa.

TÉCNICA -

LOCUTOR - Mas o cajú permaneceu enquanto os índios forem se ae-
cabando. E o cajú ficou porque o povo gosta dêle, é
importante para o brasileiro. Tão importante que na/
sabedoria popular ficou num provérbio que diz: "Cajú
de beira de estrada tem rancho ou bicho".

TÉCNICA -

LOCUTOR - Existe um dito engraçado com relação à castanha e o cajú: Quando um homem quer dizer que é mais experiente do que/ outro, geralmente se escuta: "Quando você vinha das castanhas, eu já vinha do cajú."

TÉCNICA -

LOCUTOR - O cajú vence. Bota banca. Afirma-se, entra nas danças populares. No Maranhão existe uma dança popular chamada / "Cabeça de Bagre".

Dançando o povo canta:

"Cabeça de Bagre

Não tem o que chupar.

Bota cajú no fogo

E deixa cosinhar".

Povo bom este povo brasileiro. E vem o gostoso samba rural. Samba que também é nosso, que também mexe com a gente. E o cajú continua dançando no coração do povo que / brinca. No Cabo, cidade de Pernambuco, acompanhando as / batidas do samba e os passos do samba se canta:

E' cajú

Cajuí

Cajuá

Moça que muito namora

Sempre acaba sem se casar.

Palmares. Terra boa de Pernambuco. Os meninos na feira, / os meninos andando vendendo cajú

Ê ê cajúuuu

E ê cajúuuu

TÉCNICA -

LOCUTOR - Veríssimo de Melo contou a Mauro Mota a seguinte história:

NARRADOR- Natal, Praia de Ponta Negra. Tempo de safra, cajú e cachaça. Um rapaz tomou tanta cachaça com cajú que quase / morria embriagado. Levado para casa, caiu dentro dos cuidados maternos. A pobre senhora quase chorando disse para o filho:

MULHER - Meu filho, prometa que nunca mais toma cachaça com cajú

NARRADOR- O pobre rapaz quase sem sentir disse:

RAPAZ - Mãe, por amor de Deus, deixe passar a safra.

TÉCNICA -

LOCUTOR - E cajú vai! Porque é bom, porque é brasileiro. Em Alagoas o Theo Brandão anotou os seguintes versos que correm / na poesia popular daquele Estado:

"Cajueiro abaixa a galha,

Deixa o meu gado passar,

Meu gado já vem cansado

Do sertão do Ceará".

Simples, mas tremendamente bela é a seguinte quadra alagoana:

"Cajueiro abaixa a rama
Que te quero por o pé;
Quero saber com certeza
Se meu amor é José".

O humor do alagoano mostra-se nos seguintes versos populares:

"Amor de homem casado
E' como cajú chupado,
E' um bêco sem saída
Um caneco amassado".

TÉCNICA -

LOCUTOR - As crianças também atentaram para este fruto com por cento brasileiro. Fruta nossa com gosto de praia e sertão. Cantam em Alagoas e Ceará brincando de roda:

"Arriba, siri arriba,
Cajueiro, cajuá,
Arriba, siri arriba,
Quero ver minha isia".

TÉCNICA -

LOCUTOR - Além de todas estas coisas que falamos sobre o cajú, ele também tem grande importância industrial. E' o que vemos agora:

- Fruta: rica em vitaminas
 - Castanha: fonte de riqueza para alimentação e indústria.
 - Casca da castanha: dá um óleo de fácil venda para o estrangeiro, resina para a indústria de cola.
- E por fim o cajueiro nos dá: sombra e ar fácil.

TÉCNICA -

LOCUTOR - E' isto, amigos. E' isto. O Brasil, a terra que Deus nos deu tem estas e muitas outras coisas bonitas. O Brasil / tem muito o que dar para a felicidade de todo o mundo / porque grande é o seu povo e grandes as suas riquezas. Até amanhã, ouvintes. Até amanhã onde novamente viveremos, Retalhos do meu Brasil.

* * * * *
* * * *
*

e/l/f.